



ASSEMBLEIA MUNICIPAL DA MAIA

✓

10  
2

**ACTA NÚMERO DOIS**

**ACTA DA 1.ª SESSÃO EXTRAORDINÁRIA DA ASSEMBLEIA MUNICIPAL DA MAIA REALIZADA NO DIA VINTE E CINCO DE ABRIL DO ANO DE DOIS MIL E DEZ.** -----

----- Aos vinte e cinco dias do mês Abril do ano de dois mil e dez, pelas dez horas, na Praça Doutor José Vieira de Carvalho e no Salão Dom Manuel I, no edifício dos Paços do Concelho, reuniu a Assembleia Municipal da Maia, na sua 1.ª Sessão Extraordinária, convocada pelo seu Presidente, Luciano da Silva Gomes, em edital datado de vinte e cinco de Março de dois mil e dez e com a seguinte -----

**-----ORDEM DE TRABALHOS:-----**

**1. HASTEAR DAS BANDEIRAS NACIONAL E DO MUNICÍPIO;**-----

**2. EVOCAÇÃO DO DIA 25 DE ABRIL DE 1974.**-----

----- Verificadas as presenças, constatou-se a ausências dos Senhores Deputados Eugénio José Vieira Teixeira e Maria Alexandra Leite da Silva Torres. -----

**1. HASTEAR DAS BANDEIRAS NACIONAL E DO MUNICÍPIO.** -----

A cerimónia foi iniciada com o hastear das Bandeiras Nacional e do Município pelos Senhores Presidentes da Assembleia e da Câmara Municipal, Luciano da Silva Gomes e Eng.º António Gonçalves Bragança Fernandes, respectivamente, ao som do toque do Grupo de Clarins da Fanfara da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Pedrouços. Seguiu-se no Salão Dom Manuel I, no edifício dos Paços do Concelho, a Sessão Solene Evocativa do 25 de Abril de 1974. -----

**2. EVOCAÇÃO DO DIA 25 DE ABRIL DE 1974.**-----



**O PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA, SENHOR LUCIANO DA SILVA GOMES,** saudou todos os presentes e informou que na Sessão Solene iriam usar da palavra, em primeiro lugar, o Senhor Presidente da Câmara Municipal a que se seguiam as intervenções de

cada um dos representantes das Forças Políticas representadas na Assembleia Municipal, por ordem inversa de representatividade e que seria finalizada com a intervenção do Senhor Presidente da Assembleia Municipal. A Sessão seria encerrada com o Hino Nacional – "A Portuguesa", interpretado pelos Pequenos Cantores da Maia, acto ao qual todos se associariam.-----

----- Usaram da palavra os Senhores: -----

**ANTÓNIO GONÇALVES BRAGANÇA FERNANDES, PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL**, que depois da saudação a todos os presentes disse o seguinte: -----


“É com grande honra que a Câmara Municipal da Maia se associa a esta comemoração e felicita a sua Assembleia Municipal, nesta cerimónia de grande significado, onde se comemora o Trigésimo Sexto aniversário do 25 de Abril. Voltamos hoje a comemorar o dia em que o Povo saiu à rua e gritou basta. O momento de viragem em que o País se abriu à liberdade. A data em que a política se dignificou e passou a estar ao serviço de todos. O 25 de Abril, que tantas gerações marcou, merece ser celebrado e glorificado em cada dia das nossas vidas, como um sinónimo de liberdade, de democracia e de desenvolvimento. Ele constitui, na sua essência, um momento de exaltação popular e um exemplo cabal de que, sempre que o quer, o Povo pode e sabe como conduzir o seu destino comum. Por tudo isto, o 25 de Abril é do Povo, de todos nós que ousamos, que não nos resignamos e que queremos lutar por aquilo em que acreditamos. Desde aquela data de 1974, até aos dias que correm, o País viveu inúmeras transformações com a sua inserção num espaço europeu que caminha num só sentido. Muitas foram as alterações vividas e sentidas pela população portuguesa e pelas suas Instituições. A caminhada pelo respeito da vontade popular e dos princípios civis e políticos dos cidadãos, levou ainda algum tempo a consolidar-se. Mas hoje em dia é um facto assumido e concreto do nosso Estado de Direito. A afirmação dos direitos de cidadania, das instituições



e do poder local democrático, são apenas algumas das conquistas que devemos enaltecer e preservar, rumo a um futuro ainda melhor. Senhor Presidente, Minhas Senhoras e Meus Senhores, Por todo o País se comemora hoje a data que assinalamos. Também aqui na Maia se comemora esta data, com o mesmo sentido de responsabilidade e bem conscientes do seu significado. Sabemos resistir, sabemos persistir e, principalmente, sabemos fazer obra! Temos esta inquebrável vontade de melhorar continuamente a vida das pessoas, de contribuirmos para o seu desenvolvimento, de criarmos condições para um amanhã melhor. Sabemos que estamos no caminho certo! De quem já provou ser capaz e que, motivado por um novo desígnio estratégico, quer continuar a elevar o Concelho da Maia aos mais altos patamares de desenvolvimento. Temos uma noção integrada de crescimento sustentado para todos os que habitam e trabalham no Município. Estamos ao serviço de todos e por isso olhamos com o mesmo empenho e preocupação para os diferentes estratos sociais. Queremos ser cimeiros em tudo o que fazemos. Queremos ser uma Câmara excepcional e sem excepções. É por isso que estamos a criar as condições necessárias para ter as melhores escolas do País, as mais bem equipadas, disponibilizando as novas tecnologias a todas as crianças, precavendo a info-exclusão e preparando-as para uma vida num mundo novo e altamente competitivo. É por isso que investimos de igual forma e com o mesmo entusiasmo, na abertura de unidades de saúde ou na instalação de novos lares de terceira idade. Aquilo que, efectivamente, nos motiva é a premência de garantir igualdade de oportunidades e as melhores condições a toda a população. É por isso que criamos condições para transformar a Maia no maior pólo de economia da informação e do conhecimento, atraindo novas e maiores empresas, dando real dimensão ao nosso parque tecnológico. É por isso que nos preocupamos em oferecer novos espaços verdes. É por isso que estamos a criar mais zonas de lazer. É por isso que estamos a trabalhar na construção de mais vias de comunicação, melhor circulação, mais passeios e estacionamento. É por isso que estamos a criar condições para a construção de novas unidades desportivas. É por isso que estamos a lançar as bases para um novo Pavilhão Multiusos. E ainda há tanto por

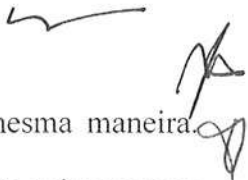
fazer! Sabemos que estamos no caminho certo. Sabemos que foi para isto que nos elegeram. E também sabemos que, enquanto a maioria nos quiser, não serão os interesses de uns quantos que nos afastarão da conquista de um futuro melhor para a nossa Maia. Minhas Senhoras e meus Senhores, é da mais elementar justiça, nesta data, felicitar o Senhor Presidente da Assembleia Municipal da Maia, o Senhor Luciano da Silva Gomes, não só pelo seu trabalho intenso, em prol da defesa dos direitos e interesses dos cidadãos enquanto autarcas, mas também pelo seu empenho e pela dedicação a favor da causa pública, que a todos nos diz respeito. Aos restantes elementos da Mesa da Assembleia Municipal e bem assim a todos os Deputados Municipais, eu endereço, igualmente, as minhas sinceras felicitações, enquanto representantes do poder local e fiscalizadores democráticos desse mesmo poder. Presto, ainda, a minha homenagem a toda a Vereação. É justo destacar, muito particularmente, os Vereadores que estão comigo desde a primeira hora e que de forma incansável têm imprimido a sua dinâmica ao Concelho. Mas também os Vereadores, que em resposta ao meu apelo no último acto eleitoral, aceitaram o meu convite e partilharam a gestão da Autarquia. Tenho, para mim, que esta manifestação de disponibilidade para efectivamente trabalhar ao serviço da Maia, cumprindo a vontade de quem os elegeu, representa um serviço de elevado espírito democrático e notável consciência daquilo que representa a vontade do Povo. Por tudo isto os méritos que este Executivo alcançou e alcançará, devem em justa medida ser repartidos com eles. Senhor Presidente, Minhas Senhoras e Meus Senhores, Em nome de quem sabemos ser. Em nome de tudo o que já provamos saber fazer. Em nome do futuro que estamos a construir. Quero que saibam que queremos celebrar em todos os dias deste mandato, o espírito democrático do 25 de Abril. Em defesa dos seus valores, em defesa das suas conquistas, em defesa da sua herança, Viva o 25 de Abril!, Viva a Democracia!, Viva a Maia!, Viva Portugal!, A todos o meu muito obrigado.”-----

**FLORIANO DE PINHO GONÇALVES, PELOS INDEPENDENTES POR VILA NOVA DA TELHA**, depois da sua saudação aos presentes disse o seguinte:-----



“Passam hoje exactamente 36 anos, que aconteceu a ruptura com um modo de governação autoritário e repressivo. Os ideais de liberdade, igualdade e fraternidade tornaram-se efectivos e a conjugação de iniciativas militares, desencadeadas pelos corajosos Capitães de Abril, e a pronta adesão de toda a população, foram os grandes impulsionadores para abrir o caminho à democracia, ao bem-estar, à paz. Corro o risco de ser repetitivo, mas é preciso continuar a proclamar quais as principais causas que estiveram na génese do 25 de Abril, porque não podemos celebrar este dia como uma mera repetição dum dia feriado. Não devemos esquecer, e é preciso transmitir às gerações pós-25 de Abril, qual era a realidade política e social, durante cerca de quatro décadas de obscurantismo. A democracia ainda não tinha chegado ao nosso País. O partido único impunha a todos a sua ideologia, sem quaisquer hipóteses de discussão. Não havia liberdade de expressão e de opinião. Os partidos ou Movimentos Políticos estavam proibidos. Aqueles que se opunham ao Regime tinham que fugir para o estrangeiro, para não serem enclausurados nas sinistras prisões políticas. Os trabalhadores não tinham o direito a defender os seus legítimos interesses e estavam proibidos de recorrer à greve. Enfrentava-se uma guerra em África, e toda a juventude tinha que pegar em armas para lutar por uma causa de contornos pouco ou nada definidos. A Assembleia como a que estamos a realizar, com o pluralismo partidário que a constitui, e a possibilidade de expressarmos ideias e opiniões, era impensável que acontecesse, sob pena de ser considerada subversiva e os seus promotores sujeitos à repressão. Sei que é difícil, para as gerações que não atravessaram o período da Ditadura, reconhecerem o significado do 25 de Abril, que lhes deverá parecer como coisa da história antiga. Certamente porque nós, os mais velhos, não soubemos ainda explicar aos nossos filhos e netos a importância de um dos mais importantes acontecimentos da história de Portugal do século XX. Senhor Presidente, Senhoras e Senhores Deputados, Decorridos trinta e seis anos qual o balanço que podemos fazer? As expectativas resultantes da revolução de Abril foram satisfeitas? Penso que os ideais da democracia e da liberdade não estão em risco, só poderá afirmá-lo quem não soube o que foi a opressão. Mas

será que as políticas seguidas, ao longo destas mais de três dezenas e meia de anos, terão correspondido aos anseios do Povo Português? A saúde, a justiça, a educação, a segurança de pessoas e bens, o apoio social, o emprego, a criação de riqueza, parece-me que ainda estão bastante aquém do que era expectável. A justiça confunde-nos com decisões desajustadas, e perde-se nos meandros dos tribunais e polícias de investigação, e os resultados para punir os infractores tardam, ou nunca chegam a concretizar-se. Na saúde, continuam as listas de espera e as pessoas, nomeadamente as mais idosas, não compreendem e atingem o desespero quando encerram as unidades de saúde onde habitualmente acorriam. A segurança de pessoas e bens agrava-se cada vez mais, com o aumento dos assaltos e agora até com a importação de termos qualificativos, como o carjacking, o homejacking e não sei quantos jacking mais. O desemprego tem aumentado de forma assustadora, e é preocupante a angústia das famílias onde, por vezes, todos os seus membros activos perderam o emprego e não têm como pagar a prestação do seu apartamento ou a renda da sua casa. O recurso ao apoio social estende-se agora a uma mais vasta gama de cidadãos. A educação parece que continua sem rumo e a falta de disciplina nas escolas, com graves agressões entre alunos e destes aos professores, é sintoma de que algo vai mal. As falências são uma constante, parecendo que os empresários perderam a capacidade de inovarem e de dinamizarem as suas empresas. Está instalada alguma descrença e desconfiança nas Instituições. É certo que a difícil conjuntura económica afecta quase todas as Nações, inclusive aquelas cujas economias eram consideradas bastante sólidas. Portugal é hoje um membro importante da Comunidade Europeia e se a Europa enfrenta novos desafios e novos problemas, Portugal também os enfrenta acrescidos dos que ainda não tinham sido resolvidos. Todavia, por mais descontentes que estejamos, com as dificuldades que se nos deparam no dia-a-dia, só em democracia será encontrada a desejada solução. Senhor Presidente, Senhoras e Senhores Deputados, O 25 de Abril deve ser comemorado, para que cada cidadão, cada partido, cada grupo social, cada grupo profissional, não esqueçam os princípios que estiveram na origem da Revolução dos Cravos, e para que



respeitem as regras universais da democracia que se aplicam a todos da mesma maneira. Todos temos direitos, mas também temos deveres, e uma sociedade sem respeito pelas normas e regras sociais não criará, com toda a certeza, as melhores condições para os vindouros. Precisamos de ser criativos, precisamos de ter projectos, que respondam às dificuldades que se nos apresentam. Os Portugueses depositaram confiança nos partidos, através das eleições, pelo que os políticos têm a obrigação e o dever de conjugarem esforços na procura das melhores soluções, para o desenvolvimento e o progresso, e não fomentarem o confronto e a contradição, como forma de ganharem espaço para outros interesses que não os de toda a sociedade. Temos que ter confiança no futuro de Portugal, mas é preciso que todos, sem excepção, enfrentemos os sacrifícios que forem necessários. Numa época de crise é absolutamente imperioso que os ideais do 25 de Abril se cumpram e continuem a cumprir-se. VIVA O 25 DE ABRIL! VIVA A MAIA! VIVA PORTUGAL! VIVA O 25 DE ABRIL.”--

**DAVID AUGUSTO DUARTE TAVARES, PELO CENTRO DEMOCRÁTICO SOCIAL/PARTIDO POPULAR** saudou todos os presentes e de seguida disse o seguinte: ---

“Porque a história seja ela qual for, grande ou pequena, de um homem ou de um país, não deixa de ser a expressão de uma luta da memória contra o esquecimento, é importante contá-la. É a melhor maneira de preservar os traços caracterizadores da identidade de um povo. A sessão de hoje deve ser a homenagem devida a um ideal universal. Prestar homenagem à liberdade é dar importância a um valor que nunca podemos considerar definitivamente adquirido. A revolução de Abril de 1974 abriu as portas do futuro a todos os que se sentiam oprimidos pela atmosfera política e social gerada pelo Estado Novo, abriu esperanças, rasgou horizontes trouxe utopia para a mão de cada um. Portugal amanheceu a cores depois de ter passado mais de quarenta anos a preto e branco. Faço parte de uma geração que nasceu no Estado Novo mas cresceu com a liberdade. Uma geração que deve ao 25 de Abril - e ao 25 de Novembro - a liberdade de pensar, participar e discordar. Uma geração que reconhece esse tributo com gosto e naturalidade.

Justamente porque encaramos o 25 de Abril com naturalidade, não fazemos vénias aos que se consideram proprietários do 25 de Abril, nem reconhecemos autoridade aos que manipulam e distribuem certificados de correcção "revolucionária" a todos os demais. Há, em Portugal, quem faça de uma certa visão do 25 de Abril, uma carreira ou até, um modo de vida. A geração a que eu pertenço, dispensa tutelas e está mais preocupada com o estado a que Portugal chegou. Ou seja, com o facto de Portugal não se ter desenvolvido como podia e devia. Invocar o 25 de Abril não consente equívocos, nem narrativas de conveniência revisionista, sobre as causas políticas do atraso de Portugal. É inteiramente verdade que podíamos ser hoje um Estado mais respeitado e uma Nação mais próspera se, em vez de uma revolução, tivéssemos tido uma transição - conceito que o antigo regime não soube preparar. É também inteiramente verdade que se a descolonização fosse devidamente "negociada" teríamos mais Abril. E também é inteiramente verdade que teríamos hoje uma economia mais avançada e uma sociedade mais justa se as empresas portuguesas não tivessem sido irresponsavelmente saqueadas e empobrecidas pelas ocupações e nacionalizações do processo revolucionário. E isto também tem de ser contado, isto também faz parte do 25 de Abril. Hoje mais do que festejar Abril é importante cumprir Abril. Invocar Abril não pode servir para repetir em 2010 erros e excessos de 75. Invocar Abril reiniciando-o como quem se apropria de uma herança esquecendo que a liberdade é uma oportunidade para todos, não é cumprir Abril. Invocar Abril não pode ser motivo para: o facilitismo nas escolas, para a desvalorização da segurança. Não se pode Invocar Abril e reduzir o espaço de independência das empresas, interferir nos negócios em concreto, tentar controlar os media. Não se pode invocar Abril e pretender controlar a Justiça e condicionar a autonomia das instituições; É por isso que há cada vez mais portugueses a questionar o que foi feito da revolução do 25 de Abril e é por isso que temos que cumprir o espírito de Abril. É por isso que se pergunta se os actuais governantes não serão os netos e os bisnetos da 1.ª República..."descendentes" dos mesmos que levaram Portugal à bancarrota...?





No momento actual, os portugueses confrontam-se com uma situação difícil e enormes desafios. A crise económica-financeira gera pessimismo e absorve energias. A descrença que alastra em relação à vida pública exige um novo compromisso entre eleitos e cidadãos. Os portugueses, legitimamente, esperam dos seus representantes exemplos de ética e responsabilidade. Exigem de todos a coragem de reformar o que está mal e melhorar o que é possível. Portugal é capaz. Foi sempre capaz ao longo da sua História. Nenhuma crise se tornou definitiva. Houve sempre uma reserva de coragem que permitiu ao Portugueses reinventar o seu destino. Viva a Maia! Viva Portugal! Viva a liberdade!".-----

**ALCINDA MÁRCIA OLIVEIRA GUEDES DA SILVA, PELA COLIGAÇÃO**

**DEMOCRÁTICA UNITÁRIA**, saudou todos os presentes e de seguida disse o seguinte: ----

“O 25 de Abril representou um marco extremamente importante para o Povo Português. No 25 de Abril de 1974 foi derrubado o Regime Fascista que oprimiu, durante quase meio século, o Povo Português, coarctando-lhe as liberdades e direitos. Mas a Ditadura Fascista caracterizada pela tortura e pela repressão foi abalada pela Revolução de Abril de 74. E não podemos esquecer todos os Homens e Mulheres que resistiram e lutaram pela liberdade, pagando muitas vezes com a própria vida. Ao lado do Povo Português que ansiava pela liberdade esteve sempre o Partido Comunista Português, sem nunca vacilar na sua luta. A partir de Abril, passamos a viver em democracia, porta aberta para o progresso, grande oportunidade para o país e aliás condição fundamental para deixar de ser um dos países mais atrasados da Europa. Entenda-se por Progresso o único sentido possível: o bem-estar de um Povo. Abril de 74, não foi apenas um dia, uma data em que se operou uma mudança de regime, os seus efeitos foram notórios na vida do Povo Português, melhorando significativa e radicalmente as suas condições de vida. Para além da Liberdade, democracia e direitos de manifestação consagrados, foram conquistados importantes direitos sociais, tais como o direito à educação pública, o direito à saúde, o direito à habitação, bem como direitos culturais, direitos estes, que fazem de um país, um país avançado, democrático e progressista.



Sendo verdade que muitos estão por cumprir, também é igualmente verdade que temos vindo a assistir a um ataque continuado aos direitos consagrados e ao branqueamento da importância e significado do 25 de Abril. Não se trata apenas de uma comemoração, de um lembrar de uma data histórica; comemorar o 25 de Abril, é lutar pelo que ficou por fazer, é lutar para impedir os retrocessos que constatamos hoje na nossa sociedade. Falamos de progresso, mas onde encontramos afinal o progresso? No número de desempregados não será certamente, nem na supressão da participação popular, através da perseguição a dirigentes sindicais, activistas estudantis e partidários e, em geral, a todos os trabalhadores que lutam pelos seus direitos, pela melhoria das suas condições de vida. Questionamos: Será isto a Democracia? Após 36 anos da Revolução de Abril, Portugal é o País da União Europeia com mais assimetrias, com mais desigualdades sociais e este facto é resultado de políticas concretas adoptadas pelos sucessivos Governos, políticas neo-liberais que não servem de forma alguma os interesses do povo português, do seu bem-estar. Políticas que em nada contribuem para o reforço do aparelho produtivo português mas para a sua destruição. A questão do trabalho, da precariedade laboral que atinge hoje níveis escandalosos, os baixos salários que comprometem o poder de compra dos portugueses, privilegiam alguém que não certamente os trabalhadores portugueses. Sob uma falsa capa de modernidade de leis laborais e da sua inevitabilidade, vai-se privilegiando os grandes grupos económicos (para estes sim há progresso!). A desresponsabilização do estado perante as suas tarefas constitucionais, colocam em causa a própria democracia. Comemorar Abril é defender as funções sociais do Estado, o Serviço Nacional de Saúde, a escola pública e o sistema público de segurança social. A privatização do ensino e conseqüente elitização, bem como privatizações de sectores fundamentais não são um bicho papão, são antes uma ameaça real ao desenvolvimento de uma sociedade e aos direitos fundamentais de todos os cidadãos. Afinal quem serve o Estado? Se os governos governam para si próprios e para a elite económica então não é desses governos que o povo precisa! Exigimos a Democracia nas suas várias vertentes: política, económica,



social e cultural e enquanto esta não é uma vontade dos sucessivos governos, continuamos a resistir e a lutar! Porque a opressão é a antecâmara da libertação, porque a ausência de direitos e o seu incumprimento é a antecâmara da sua realização, lutamos e continuaremos a lutar por uma ruptura de esquerda com as políticas de direita. O caminho do progresso só pode ser feito no caminho de Abril! Porque este caminho seguido já vimos onde nos leva ... ao desrespeito pela dignidade inerente a todos os homens e mulheres. Porque a humanidade não é nem pode ser feita de servos, daqui saudamos todos os que lutaram pela Revolução de Abril, todos os que actualmente não se resignam e lutam pelo progresso da humanidade! ".-----

**SILVESTRE SANTOS GOMES PEREIRA PELO BLOCO DE ESQUERDA** saudou todos os presentes e disse o seguinte: “Viva o 25 de Abril! Passaram já 36 anos, parece que foi ontem! Em 25 de Abril de 1974, o dia acordou com um país inteiro a vibrar com a conquista da Liberdade, com um povo inteiro a lutar para acabar com a exploração, pela construção de um País Novo, mais igual e com direitos! Uma nova esperança para a construção colectiva de uma sociedade mais justa e livre. Abril significou o fim de 48 anos de uma ditadura imposta por Salazar e Caetano, suportada por uma polícia política, que amedrontava e torturava, todos os que ousavam afrontar o regime. Com Abril, As portas das prisões abriram-se, libertaram-se os presos políticos, os partidos passaram à legalidade, veio o fim da guerra colonial que tinha morto mais de 13 000 jovens, os trabalhadores puderam formar as suas organizações sindicais e comissões de trabalhadores, foi o fim da censura, foi a luta das mulheres por direitos iguais, proliferaram as organizações populares de base, e outras tantas lutas... a luta por uma habitação digna, pelo acesso ao ensino para todos, por um Serviço Nacional de Saúde, pelo direito a pensões de reforma para todos, foi início de um poder local em que os autarcas passaram a ser eleitos pelas populações e não mais nomeados pelo poder, há décadas instalado, que aí também impunha a sua ditadura de Direita. Por fim, a elaboração de uma constituição democrática, onde todos estes direitos ficaram

consignados. Mas a Revolução de Abril de 1974 foi mesmo, uma das mais marcantes e movimentações populares da segunda metade do século vinte, foi inclusivamente um contributo decisivo para a luta pela democracia noutros países ainda debaixo de regimes opressores, como foi o caso da Espanha e da Grécia na Europa, mas transmitiu também os valores da luta popular para outros continentes. Passaram já mais de três décadas, muitos avanços foram conseguidos e hoje o nosso país é apesar de tudo, bem diferente do herdado do regime ditatorial. Mas, apesar do tempo decorrido muitas esperanças têm ficado pelo caminho, o nosso país e o nosso povo vivem hoje momentos de grandes dificuldades. Vivemos num país onde as desigualdades, as assimetrias e o défice social são cada vez mais gritantes! Esta situação não aconteceu por culpa do 25 de Abril! Isto acontece porque os sucessivos governos nos têm governado com políticas que conduziram o nosso país, num sentido oposto ao dos ideais de Abril! Por isso, trinta e seis anos depois do 25 de Abril, vivemos em Portugal uma das situações sociais mais graves de sempre: são já quase 600 000 os desempregados, o trabalho precário e a insegurança no emprego são uma constante, os baixos salários, o enorme endividamento das famílias devido ao seu reduzido poder de compra, os milhares de jovens condenados ao trabalho precário e ao desemprego e sem perspectivas de futuro, a existência de quase dois milhões de pobres (com um rendimento mensal inferior a 400 euros), são muitas as dezenas de milhares de crianças viver na mais miserável pobreza! É insuportável a insensibilidade que permite tais injustiças. Por isso, não nos chocam os discursos dos paladinos contra as fraudes e preguiças sociais, que vêm dos mesmos que sem qualquer pejo prioritaram e concretizaram o gasto de mais de mil milhões de euros no negócio obscuro da compra de submarinos e que pretendem agora afundar a inserção social com discursos que procuram criar um complexo de inveja social de modo a mais facilmente fazer impor as suas políticas populistas e enganosas. Entretanto a realidade é a que todos verificamos, os ricos estão cada vez mais ricos, acumulam cada vez mais riqueza, os





ordenados e prémios de alguns gestores são uma verdadeira provocação para com os mais pobres! Os responsáveis pela recente crise financeira, económica e social são neste momento os mais beneficiados pela mesma! E por tudo isto, devemos toda a nossa produtividade económica ao estrangeiro! Só assim se justificam os interesses instalados que permitem uns tantos terem acesso a grandes negócios que, por vezes, assumem carácter de uma promiscuidade revoltante e que depois ficam plasmados em quase tudo o que foram grandes investimentos efectuados pelos governos, houvessem derrapagens escandalosas, ilegalidades incapazes de serem devidamente prevenidas ou fiscalizadas, houvesse uma generalizada evasão fiscal e também de fundos para paraísos fiscais. Agora contemporizada com mais uma solução brilhante deste governo. Isto é: perdoam-se os crimes destes senhores com o pretexto de que é para atrair o retorno destes capitais, falsa inocência! A resposta encontrada pelos nossos governantes para resolver a crise, nunca muda, é sempre a mesma, é pedir aos que nada têm para pagarem ainda mais! São estas assim as soluções fáceis que o capital encontra para a resolução da crise que ele próprio provocou! E aí está o PEC com privatizações por tuta-e-meia de tudo o que dá lucro, congelamento de salários, restrição dos serviços públicos, penalizar os desempregados, etc. Mas o mais curioso é que ao longo do tempo, apesar de tudo o que foi privatizado a dívida não para de aumentar! Os consecutivos governos que sob a responsabilidade do PS, PSD e CDS governaram o país até agora, conseguiram a façanha de sermos hoje um dos países mais endividados da Europa! Em média cada português deve hoje ao estrangeiro cerca de 18 000€, sejam eles empresários, operários, desempregados, reformados, estudantes ou recém nascidos! Fantástico recorde este! Perante tudo isto questionamos? Será que estamos perante uma fatalidade para a qual não existem alternativas? Claro que não! Abril ensinou-nos o caminho... e é este que temos de retomar! O caminho da mobilização social em busca de alternativas de políticas justas que ponham fim a tanta injustiça social... Assim, Abril é e continuará a ser o símbolo da luta pelo emprego e trabalho

com direitos, contra a precariedade e os recibos verdes, contra a legislação laboral que ataca os direitos de Abril, por um investimento público estratégico que crie efectivamente emprego, por serviços públicos condignos, por uma justiça igual para todos, por um poder local que ajude com medidas excepcionais de apoio às famílias e aos desempregados, aos pobres, aos jovens à procura de emprego, por soluções que possam melhorar o poder de compra das famílias e não com as medidas como as que este PEC pretende impor e que o levarão sim a constranger e castrar mais os direitos do nosso povo e a evolução económica e social do nosso país. VIVA O 25 DE ABRIL!"-----

**LUÍS MARIA FERNANDES AREAL ROTHES, PELO PARTIDO SOCIALISTA,**

saudou todos os presentes e disse o seguinte: -----

" Ex.mos Presidente da AMM, Deputados Municipais, Senhor Presidente da Câmara Municipal, Senhores Vereadores, Caros Cidadãos, **QUEM A TEM...**, Não hei-de morrer sem saber, Qual a cor da liberdade. Eu não posso senão ser, desta terra em que nasci. Embora ao mundo pertença, e sempre a verdade vença, qual será ser livre aqui, não hei-de morrer sem saber, Trocaram tudo em maldade, é quase um crime viver. Mas embora escondam tudo, e me queiram cego e mudo, não hei-de morrer sem saber, qual a cor da liberdade. ( Jorge de Sena, *Poesia II*). **Um** - Este é um belo poema de denúncia e de esperança de Jorge de Sena, que bem ilustra a confiança combativa que suportou a luta de muitos pela democracia em Portugal. E a verdade é que, em 25 de Abril de 1974, depois de quarenta e oito anos de ditadura, o país redescobriu finalmente a "cor da liberdade", que o mesmo Jorge de Sena declararia, num outro poema já de 1974, ser "verde, verde e vermelha". Afinal, as cores da República, cujo centenário este ano também festejamos. Dois - É de facto fundamental valorizarmos tudo aquilo que conseguimos com a democracia. O 25 de Abril – é bom não o esquecermos – foi o fim a um regime de quarenta e oito anos que mergulhou o país numa tirania sem sentido, numa guerra colonial absurda e contraproducente e que limitou as possibilidades da nossa economia acompanhar o ritmo impressionante de crescimento das



economias europeias do pós-guerra, forçando um milhão de portugueses a emigrar. Sem deixar de sermos exigentes relativamente ao nosso futuro colectivo, há que reafirmar, com orgulho que o país vive, desde 1974, o mais longo período de paz e democracia da sua História. E isto num quadro em que, apesar de todas as dificuldades e de todos problemas e injustiças prevaletentes, avançamos com a integração europeia, aproximamo-nos dos padrões de vida dos países mais desenvolvidos e desencadeamos, mesmo que de forma ainda insuficiente, alguns mecanismos essenciais do Estado Social, conseguindo melhorias essenciais nos campos da educação, da saúde e da segurança social. Três - Evidentemente, o poder local é uma das conquistas fundamentais da democracia portuguesa e não devemos minimizar os seus importantes contributos para a melhoria das condições de vida dos portugueses. Mas há que reconhecer, também, que o poder local enfrenta problemas que, não sendo exclusivos da Autarquia Maiata, precisam de ser igualmente ponderados no nosso Concelho. Temos que saber considerar os riscos que decorrem da fulanização excessiva, da falta de renovação política e do caciquismo populista; os problemas associados ao empolamento dos quadros de pessoal e ao favoritismo político-partidário no recrutamento de colaboradores e na contratação de serviços; a propensão para a obra muito dependente do ciclo político, tão prejudicial à saúde financeira das autarquias, e para a existência de relações pouco saudáveis entre o poder local e o sector imobiliário. É verdade que o governo nacional já tomou medidas importantes para confinar alguns destes problemas, designadamente com a reforma da lei das finanças locais, com a imposição de limitações ao número de mandatos dos presidentes de órgãos executivos e com o fim de algumas regalias incompreensíveis em matérias como a da acumulação dos autarcas ou a do seu regime de pensões. Outras medidas serão eventualmente necessárias. Agora, ninguém tenha dúvidas: nenhum destes problemas se resolverá sem o envolvimento empenhados dos autarcas no desenvolvimento de práticas de bom governo local, que permitam mais participação e mais transparência, assim como novas formas de organização e de funcionamento da democracia

municipal. Quatro - De resto, o presente ano, em que comemoramos os cem anos da implantação da República em Portugal, é um bom momento para pensarmos a forma de relacionamento do Estado com os seus cidadãos, permitindo, designadamente, aprofundar o ideário e os valores republicanos, em especial no que diz respeito à afirmação republicana da transparência na prestação de contas aos cidadãos. Cinco - Os Socialistas têm evidenciado sempre, nesta AMM, um claro comprometimento na apresentação de novas soluções para a vida do Concelho. Ora, comemorar o 25 de Abril é também assumir a responsabilidade de perspectivar, de forma construtiva, o nosso futuro colectivo. É por isso que, neste centenário da implantação da República Portuguesa, incitamos o Executivo e todas as Forças Políticas e Cívicas do Concelho para que sejam assumidos oito desafios essenciais para promover a transparência e o bom governo local. São eles: a) Promover pactos políticos alargados que visem a transparência da vida política autárquica. b) Garantir mecanismos mais apurados e regulares de controlo orçamental. c) Assegurar novos mecanismos de regulação das situações de incompatibilidade. d) Estabelecer sistemas mais eficazes de vigilância da contratação pública. e) Publicitar, de forma regular, os Registos de Interesses de Bens e de Actividades. f) Promover mecanismos de gestão mais transparente do urbanismo e dos serviços públicos, garantindo a colegialidade das decisões e a rotatividade dos decisores. g) Alargar os processos de administração inteligente e o uso das tecnologias da informação para promover a transparência da administração local. h) Assegurar a regulação de uma Carta de Direitos dos Cidadãos, relativa ao funcionamento dos serviços, assim como à garantia e defesa dos direitos da cidadania. Seis - Reassumimos assim, uma vez mais, a vontade de comemorar o 25 de Abril de forma construtiva. E, neste ano em que festejamos os cem anos da República, queremos enfatizar os valores republicanos da transparência e da responsabilização democrática. Estes que aqui apresentamos são - queremos crer - alguns dos desafios que teremos de vencer para qualificar a nossa vida autárquica e para que a Maia se afirme como um espaço autárquico de excelência. Esta é a nossa vontade e a razão do nosso empenhamento

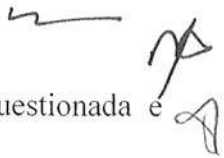


político. Sabemos que a democracia, que o 25 Abril fez desabrochar, vive e se consolida com o diálogo vivo, construtivo e sério, empenhado em assegurar a concretização do bem comum e o respeito pelos valores democráticos essenciais. Não desistiremos, nunca, de continuarmos a dar o nosso contributo para o bem da República. Viva o 25 de Abril! Viva Portugal!"-----

**ANTÓNIO FERNANDO GOMES DE OLIVEIRA E SILVA, PELO PARTIDO POPULAR DEMOCRATA/PARTIDO SOCIAL DEMOCRATA** fez a sua saudação a todas as personalidades presentes e disse o seguinte: -----

“Começo esta minha intervenção por cumprimentar a Mesa da Assembleia Municipal pela realização desta Sessão Extraordinária Comemorativa do 25 de Abril. Esta sessão é um corolário das comemorações que tradicionalmente se levam a cabo no nosso Município, cumprindo e celebrando a democracia e o espírito de Abril. V. Exa., Senhor Presidente é o responsável primeiro pela criação e implementação destas Comemorações que, há mais de uma década, esta Assembleia protagoniza de forma exemplar. Continuo a entender que a melhor forma para comemorar Abril é continuar a apelar para que a cidadania seja um valor de referência. Exercer cidadania é cumprir Abril. Foi rigorosamente há mais de uma década que esta Assembleia iniciou a tradição desta Comemoração. Iniciou mobilizando os jovens do Concelho e apelando à sua participação. Desse apelo e dessa participação resultou um texto, que foi produzido por uma Jovem Maiata que venceu o primeiro concurso literário realizado no âmbito destas Comemorações. Vou então passar a ler parte desse texto. Uma jovem de São Pedro Fins, nascida em 1989, então com onze anos, que ganhou o primeiro prémio do Concurso literário “25 anos do 25 de Abril” com o artigo intitulado “A Revolução dos Cravos de 1974”: “Já ouvi falar de reis e rainhas, príncipes e princesas, ditadores e republicanos, fascistas e democratas, governadores e diplomatas. De tudo nos dá conta a História Universal e de Portugal, na hora em que começasse a Revolução dos Cravos. Como deu certo, Portugal deixaria de ser governado pela Ditadura e passaria a ser uma Democracia. Democracia é governo do povo. Foi assim que me ensinou a professora. Mas eu voltei a ficar espantada,

como é que o povo ia todo a correr governar! Fazia-me confusão, porque tinha oito anos! Tudo ficou esclarecido quando me foi explicado que os povos, que somos todos os habitantes de Portugal, podiam agora votar e escolher os dirigentes e governantes do País, através do boletim de voto, que é dado a todos na ocasião das eleições. Ah! E eu lembrei-me logo, que as minhas avós e os meus pais tinham ido votar ainda há pouco tempo atrás. Foi então que associei muito melhor esta chamada de atenção”. Ao longo dos anos, esta Assembleia tem-se reunido em Sessão Solene para assinalar a passagem do dia 25 de Abril. Esta cerimónia tem vindo a repetir-se durante a última década, ano pós ano, sem grandes alterações de fundo. Creio que é chegado o tempo de nos confrontarmos com algumas interrogações. De tão repetida nos mesmos moldes, o que resta verdadeiramente da Comemoração do 25 de Abril? Continuará a fazer sentido manter esta forma de festejarmos o Dia da Liberdade, ou será tempo de inovar? Estas dúvidas trazem consigo uma outra pergunta: não estarão as Cerimónias Comemorativas do 25 de Abril a converter-se num ritual que já pouco diz aos nossos concidadãos? Preocupo-me sobretudo com o sentido que este Dia da Liberdade possui para os mais jovens, para aqueles que nasceram depois de 1974. É deles o futuro de Portugal. O que dirá este cerimonial às gerações mais novas? É uma pergunta que não posso deixar de colocar à reflexão dos Senhores Deputados. O 25 de Abril não é o dia de festa de uma geração, mas um momento que deve interpelar todos os Portugueses. O que esta data e o que o Regime Democrático tem de singular é precisamente o facto de não serem exclusivo de ninguém, mas património comum de Portugal inteiro. Ninguém é dono do 25 de Abril. A História pertence a todos, mesmo aos que a não viveram. Interrogo-me, Senhores Deputados, se não devemos actualizar a evocação do 25 de Abril de 1974, pensando sobretudo naqueles que não sentiram a emoção desse dia. Para os mais Jovens, a liberdade tem um significado distinto daquele que possui para muitos dos presentes nesta cerimónia. Pode mesmo afirmar-se que na Sociedade Portuguesa coexistem duas maneiras de sentir a liberdade. De um lado, a liberdade daqueles que tiveram de a conquistar e de batalhar por ela; do outro lado, a




liberdade daqueles que a têm como uma realidade natural da vida, tão inquestionada e adquirida como o ar que respiram. Não nos podemos esquecer de que houve um tempo em que Portugal não respirava esse ar de liberdade. Houve um tempo em que foi necessário o inconformismo de jovens militares para que nascesse enfim «o dia inteiro e limpo» de que nos fala o poema de Sophia Meio Breyner. A liberdade também é memória. E também como memória merece ser celebrada. Que pensará hoje, a jovem de São Pedro fins, da democracia que o 25 de Abril conquistou? O que pensará ela de um estado cuja sua contabilidade apresenta um histórico deficit nas suas contas públicas. O que pensará de um Portugal, hoje dominado pelas notícias de encerramento de fábricas e de empresas. Centenas de trabalhadores são lançados no desemprego, pessoas que, até há pouco tempo, viviam com algum desafogo pertencem agora ao grupo dos novos pobres, há famílias que não conseguem suportar os encargos com as prestações das suas casas ou a educação dos seus filhos. O que pensará das previsões económicas divulgadas por organizações nacionais e internacionais estão à vista de todos e não é possível negá-las. São muitos os Portugueses que sentem que viveram na ilusão de que poderiam usufruir padrões de consumos idênticos aos dos países mais ricos da União Europeia, sustentados num continuado endividamento. Devemos, por isso, compreender que esta crise leve muitos Portugueses a interrogarem-se sobre aquilo que o futuro nos reserva. São interrogações tanto mais pertinentes quanto a crise que vivemos tornou mais nítidas as vulnerabilidades estruturais que o País ainda manifesta. Não há, assim, a certeza de que este seja um momento meramente transitório de recessão da actividade económica, a que se seguirão melhores dias num prazo mais ou menos próximo. O que pensará a jovem de São Pedro Fins dos políticos que temos? O que o pensará da PT? O que pensará da EDP? Nos dias de hoje, a melhor homenagem que podemos fazer ao 25 de Abril é comemorar nele uma visão inspiradora de liberdade activa. Não podemos continuar apegados somente a uma ideia da liberdade como memória, perdendo de vista a ideia, essa sim mobilizadora e dinâmica, da liberdade como projecto. Um projecto sempre inacabado e plural,

aberto às mais diversas leituras, insatisfeito consigo mesmo. Neste dia, devemos celebrar a liberdade que se constrói a partir do inconformismo e na ambição de um futuro melhor. Viva a Maia!”-----

**LUCIANO DA SILVA GOMES, PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA MUNICIPAL**

depois de fazer uma saudação a todos os presentes, disse o seguinte: -----

“Ocorre hoje um acto de grande significado da História do País e que a Assembleia Municipal continua de forma simples, mas cheia de simbolismo e celebrar. Sempre se afirma neste dia a Liberdade, sempre se lembram neste dia os Militares de Abril, sempre se renova neste dia a conquista de valores que tiveram e terão profundo significado na vida do Portugal actual e vindouro. Por isso, porque este dia foi conquistado com a força daqueles que exigiam mais justiça social, mais equidade, transparência nos actos e nas acções, cumpre-nos continuar a afirmar que Abril é e será sempre, o dia de grande elevação na memória de todos os Portugueses. Porém, nos dias de hoje, muito se desviou dos firmes propósitos dos Militares de Abril. Não se cumpriu a Justiça Social por eles exigida, não foi feita a justa equidade, não é ainda possível que a educação, a saúde e a habitação sejam iguais para todos e, sobretudo neste Mundo conturbado, em que ao longo destes trinta e seis anos, muita injustiça foi cometida. Está perante nós a crise mundial, cujas consequências não são, por ora, possíveis de analisar. Mas recordo que foram valores bem afastados do espírito são e sincero de Abril, que nos levaram a este estado de coisas. Temos de arrear caminho, temos que combater todos os sistemas que degradam o Mundo, mas sobretudo o Ser Humano. Temos que impedir que todos aqueles que, em qualquer lugar, têm a responsabilidade primeira de contribuir para o bem comum e que, por vezes, não o fazem, sejam levianos e esqueçam que não é suficiente dedicar anos ou datas à igualdade de oportunidades, devendo antes, em cada acção, fazer disso uma realidade para todos. Todos, mas mesmo todos, jamais poderão servir-se do seu lugar, mas colocá-lo ao serviço dos outros. Temos de lutar contra isso e pedir responsabilidades a quem o faz. Servir-se é acto condenável, é tomar como benefício próprio o que é de todos e

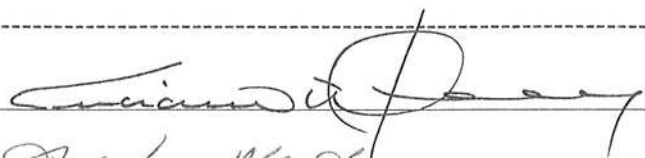


isso não é Abril. Senhor Presidente da Câmara, Senhoras Secretárias da Mesa, Senhoras e Senhores Deputados, na minha intervenção do ano passado, lembrei, ou melhor, acentuei a necessidade que todos tínhamos de nos preocupar com a situação de muitos dos nossos concidadãos. Disse até que, se a Câmara não fizesse esta ou aquela obra para acudir em primeiro lugar às reais necessidades, quando com elas confrontados os nossos municípios, a Assembleia Municipal far-se-ia ouvir. Reafirmo hoje, ainda com mais força e certeza, pois hoje os problemas agudizaram-se, quer no país quer fora dele. Não importa andarmos por aí a culparmo-nos uns aos outros, importa sim, estarmos atentos, em todos os locais da nossa terra, para, por todas as formas, ajudar os que de nós mais precisam. Não podemos esbanjar recursos, não podemos cometer erros que nos levem a gastar naquilo que não nos beneficia, mas prejudica. Não só os Governantes, mas todos quantos têm o dever de estar atentos, de forma particular pela proximidade, as Juntas de Freguesia e as Câmara Municipais. Estejamos pois atentos, façamos como a formiga, guardando para fazer face ao Inverno da vida daqueles que, às vezes, não compreendem como se gasta em coisas que nada interessam e, por vezes, apenas servem para afirmar a vaidade de alguns. No tempo em que vivemos, o carácter dos Homens e das Mulheres é peça chave numa conduta isenta na condução daquilo que nos é confiado. Importa pois reflectir, neste tempo de tanta dúvida, em que nos vemos bombardeados com tantas notícias que nos deixam a pensar e a interrogar: Que Mundo é este? Temos que lembrar que os cargos políticos são efémeros, que aos políticos cabe a responsabilidade do exemplo em todas as suas acções. Que não se pode nunca desviar do caminho do serviço aos outros, do respeito pelos bens públicos, de decidir sem reflectir, de ouvir e só depois tomar a decisão certa. O carácter é o valor que se traz sempre da raiz familiar, o carácter é e será o único obstáculo a não se cometer erros que lesem o próximo e a comunidade. Pois bem, se tivermos carácter, sempre que vamos tomar uma qualquer decisão sobre o que quer que seja, deveremos pensar não em nós, não na nossa vaidade ou na nossa ascensão política, mas temos de pensar, isso sim, apenas naqueles que confiaram em nós.

Senhor Presidente da Câmara, Senhoras Secretárias da Mesa, Senhoras e Senhores Deputados. Se queremos continuar a proclamar Abril, devemos reflectir no caminho que temos diante de nós, procurar sempre exercer a nossa actividade política no estreito serviço aos outros. Nunca tomar atitudes que lesem o erário público, que prejudiquem este ou aquele, que por vezes a vida não ajudou e ficou mais fraco para se defender. Procuremos encetar todos os caminhos que conduzam ao bem de todos, ouçamos antes de decidir, mesmo quando nos pareceu o que nos dizem não estar certo. Ouvir é a ajuda para agir. Ouvir quantas vezes impede que não nos desviemos do interesse geral para o interesse de alguns. Sejamos persistentes, fortes e determinados na adopção de medidas que visem não confundir a justiça com as injustiças, o meu em favor do nosso. O colectivo no desempenho das nossas funções deve estar sempre presente. Nesta nossa terra em que nos propusemos servir, que a força não nos falte, para sempre, mas mesmo sempre, poderemos confrontar a nossa consciência e ela nos diga que cumprimos o nosso dever. Muito obrigado.”-----

----- Terminadas as intervenções a Sessão foi encerrada com o Hino Nacional - A Portuguesa, entoado pelo Grupo Coral Pequenos Cantores da Maia, acto a que todos os presentes se associaram. -----

----- E sendo doze horas do dia vinte e cinco de Abril do ano em curso, foi dada por encerrada a Sessão Solene, de que, para constar, se lavrou a presente acta que vai ser assinada pelos Membros da Mesa: Presidente da Assembleia Municipal, Luciano da Silva Gomes, pela 1.ª Secretária Maria de Lurdes da Costa Almeida Rebelo Maia e pela 2.ª Secretária, Márcia Isabel Duarte Passos Resende. -----

O Presidente: \_\_\_\_\_ 

A 1.ª Secretária: \_\_\_\_\_ 

A 2.ª Secretária: \_\_\_\_\_ 